

O Livro da Selva

Os Irmãos de Máugli

Eram 10 horas da noite em Seiouni, o Pai Lobo preparava-se para ir caçar enquanto a Mãe Loba vigiava as suas crias... Entretanto ouviu-se o rugido raivoso do tigre quando falha a presa.

Não é gado que o tigre caça, é homem. A Lei da Selva proíbe a caça ao homem porque é considerado o mais débil, indefeso e mal saboroso dos seres vivos.

Ao ouvir um reboliço a subir a colina, o casal de lobos mantém-se alerta. Em posição de defesa o Pai Lobo viu surgir dos arbustos um cachorro de homem que se dirigiu sem medo para a toca dos Lobos.

Enquanto viam o pequeno homem, apareceu o Tigre, Xer-Cane, reclamando a sua peça de caça. Mãe Loba enfrentou o tigre e disse-lhe que o cachorro de homem passaria a caçar com os Lobos, ameaçando Xer-Cane: “Talvez um dia te cace”.

Os Lobos decidiram ficar com ele e chamar-lhe Máugli, que quer dizer rã porque, como as rãs, ele não tinha pelos no corpo.

Todos os meses, na noite de Lua Cheia, os Lobos se reuniam em Conselho, na Rocha do Conselho que era presidida por Aquelá, o Lobo Solitário.

Os novos filhotes eram apresentados à Alcateia para que fossem reconhecidos. No meio das crias de Lobo, o Pai-Lobo apresentou Máugli. Nessa altura ouviu-se um rugido: era Xer-Cane que reclamava Máugli como seu.

Segundo a Lei, para um estranho ser aceite na Alcateia, dois animais devem defendê-lo.

Foi então que surgiu Balú, o grande e sábio urso pardo, responsabilizando-se por ensinar Máugli a viver e a caçar tal como faz com todos os Lobinhos.

Também, Báguirá, a Pantera Negra, veio em auxílio de Máugli, oferecendo por ele um touro que havia acabado de matar.

Máugli cresceu na Selva com os seus irmãos lobinhos, aprendendo com Balú e Báguirá tudo o que era importante na vida da selva. Báguirá ensinou-o a ser ágil e Balú ensinou-lhe a linguagem de todos os animais para que nenhum lhe fizesse mal. Ocupou o seu lugar no Conselho, ajudava os amigos tirando-lhes espinhos das patas e caçava com Báguirá. A Lei da Selva proibia-o de caçar touros, em memória do Touro que tinha sido oferecido para lhe salvar a vida.

Báguirá avisava-o constantemente do perigo que ele corria na Selva. Xer-Cane iria querer caçá-lo. Havia lobos que não concordavam que ele ficasse na Alcateia porque era homem. Ele corria perigo e devia lembrar-se disso.

Máugli não entendia porque razão os seus amigos lobos haviam de não o querer na selva. Báguirá explicou que ele era capaz de fazer coisas que os outros animais não eram, por isso mesmo os outros haviam de o querer longe. Deu-lhe então um conselho: “vai até onde os homens moram e apodera-te da Flor Vermelha, ela será o teu aliado, é mais forte que qualquer animal.

O Livro da Selva

Perto da Aldeia, Máugli viu um rapaz apanhar umas pedras incandescentes e transportá-las para dentro de casa. Era então aquilo a Flor Vermelha. Ao querer apanhar as brasas percebeu que queimavam, agarrou num pequeno pau e meteu-as numa espécie de cesto. Depois correu de volta à selva.

Aquelá havia perdido a sua primeira peça de caça e no dia seguinte haveria um Conselho para escolher o novo chefe da Alcateia. A Lei da Selva permitia aos Lobos lutarem com o Chefe, mas nenhum deles se atrevia a ter uma luta de morte com o velho Aquelá. Então Xer-Cane exigiu que lhe entregassem Máugli, uma vez que ele era homem e nada tinha a ver com o Povo Livre, não devia viver entre eles. Os Lobos estavam dispostos a entregar Máugli, então ele levantou-se e disse: “já que me consideram um homem, vou tratar-vos como cachorros”. Pegou na Flor Vermelha e atirando-a para o chão, afastou todos.

“Agora vou-me embora para junto dos homens, mas prometo não vos atraiçoar como vocês fizeram comigo.”

Antes de ir garantiu a Xer-Cane que voltaria à Rocha do Conselho e que nessa altura traria a pele dele sobre a cabeça. Aos outros Lobos proibiu que matassem Aquelá. Todos fugiram.

Máugli ficou com Aquelá, Balú e Báguirá e começou a deitar água dos olhos. Assustado perguntou que seria aquilo, estaria doente? Báguirá acalmou-o dizendo: “isso são só lágrimas. És um homem e não um cachorro como dantes”.

Máugli despediu-se do Pai-Lobo e da Mãe Loba e dos seus amigos, Balú e Báguirá e prometeu que voltaria. Então, ao raiar do novo dia, desceu a colina em busca desses misteriosos seres – os homens.

O Livro da Selva

A Caçada de Cá

Muito antes de Máugli ter sido expulso da Alcateia e muito antes de se ter vingado de Xer-Cane, Máugli andava pela Selva aprendendo a Lei com Balú.

Balú estava muito contente por ter um aluno tão inteligente, os Lobos normalmente só querem saber o que à Alcateia diz respeito e Máugli, por ser cachorro de homem, tinha muito mais para aprender.

Báguirá ia muitas vezes ouvir as lições, ela tinha um carinho muito especial por aquele menino-lobo. Quando Báguirá estava presente, Balú pedia a Máugli que mostrasse o que sabia. O mais importante eram as palavras mágicas da selva. Máugli sabia dizê-las em todas as linguagens de todos os animais: “somos do mesmo sangue tu e eu.” Sabendo isto, Máugli não tinha nada a temer, só mesmo a sua própria espécie, os homens.

Numa dessas ocasiões Máugli disse aos dois amigos que iria ser Chefe de um Tribo e que a iria dirigir e iria atirar nozes ao velho Balú. Ao ouvir tamanha afronta, a pantera perguntou: “que nova loucura é essa? Tiveste com o povo dos macacos!” E Balú continuou: “Estiveste com os macacos cinzentos, o povo sem lei? Que vergonha!”

Máugli reparou que os amigos estavam aborrecidos mas não percebia porquê. Os macacos tinham-no tratado bem e tinham-lhe dado comida. Então quis saber porque nunca o tinham levado lá, porque eles eram parecidos com ele, andavam em cima de duas patas e brincavam todo o dia.

Báguirá explicou que os macacos não tinham lei, eram mentirosos, não tinham chefe nem língua. Falavam com palavras que roubavam aos outros animais. Na selva ninguém está perto deles, não se bebe onde eles bebem, não se caça onde eles caçam. Eles são Bandarlôgues. Báguirá acabou o seu discurso irritada: “O povo da selva está expressamente proibido de se dar com os Bandarlôgues.”

Os Bandarlôgues eram de facto um povo sem lei, com quem nenhum animal da selva se dava. Quando perceberam que Máugli os procurava para brincar acharam que era muito bom para eles, porque ele sabia muitas coisas que os podiam ajudar como a entrelaçar ramos para se protegerem contra o vento. Assim, os macacos pensavam que se conseguissem raptar Máugli o obrigariam a ensinar tudo o que sabia e eles passariam a ser o povo mais sábio da selva.

À hora da sesta, Máugli, envergonhado por ter brincado com os macacos, adormeceu entre Balú e Báguirá. Antes de se dar conta do que tinha acontecido, Máugli encontrou-se entre os ramos de árvore, rodeado de macacos. Acordados com a algazarra, Balú e Báguirá rugiram ruidosamente e tentaram apanhar os macacos, mas eles fugiram, saltando de ramo em ramos e de árvore em árvore, levando Máugli com eles.

Balú e Báguirá decidiram traçar um plano para recuperar Máugli e começaram a pensar. Cada um tem o seu medo peculiar, e os Bandarlôgues temiam Cá, a Cobra Piton. Báguirá duvidou que Cá os ajudasse porque não era da tribo deles, não tinha pernas, mas Balú sabia que a velha e esperta cobra havia de os ajudar.

Cá não era uma cobra venenosa. O seu poder residia na força que possuía o seu enorme corpo de 9 metros de comprimento. Quando envolvia alguém nos seus poderosos anéis, a luta estava terminada.

Encontraram-na deitada numa pedra, com ar faminto. Cá não conhecia Máugli, tinha ouvido Ikki, o porco-espinho falar dele mas não sabia se era verdade porque Ikki distorcia tudo quanto ouvia. Enquanto estavam a falar com Cá, ouviram Rann a chamar. Rann era também conhecido por Chill que quer dizer milhafre na língua

O Livro da Selva

Hindi. Contou-lhes que Máugli o chamou e lhe pediu ajuda porque tinha sido levado pelos Bandarlôgues para as Moradas Frias. Depois disto, Báguirá, Cá e Balú puseram-se a caminho.

As moradas Frias eram umas ruínas de uma antiga cidade, eram o lugar que os macacos chamavam de sua cidade e foi para lá que levaram Máugli. Máugli começou a juntar as lianas para os ensinar a fazer abrigos como eles pediram, mas ao fim de algum tempo, os macacos já tinham desistido.

Máugli sentia fome e como era um estranho naquela parte da selva pediu aos macacos autorização para caçar ou então que lhe levassem comida. Os macacos não responderam nem levaram comida, foi quando Máugli percebeu que Balú e Báguirá tinham razão em tudo o que disseram sobre os Bandarlôgues. Começou então a pensar numa forma de fugir dali, mas estava cansado e com fome.

Quando uma nuvem tapou a luz da lua, Máugli escutou as passadas de Báguirá e reconheceu-as. Báguirá saltou para o meio dos macacos e começou a luta. Os macacos meteram Máugli numa antiga cave e voltaram-se contra Báguirá. A cave estava cheia de serpentes venenosas e Máugli apressou-se a dizer na linguagem do povo venenoso “Somos do mesmo sangue tu e eu”. Então as serpentes pararam. Lá fora Báguirá lutava pela própria vida, Máugli gritou-lhe para que saltasse para as cisternas. Ouvindo a voz de Máugli, a pantera ganhou forças e chegou Balú para a ajudar. Os macacos eram muitos e os dois amigos não conseguiam ganhar aquela luta. Então, no momento certo, apareceu Cá. Quando ouviram a cobra, os macacos, começaram a fugir porque sabiam que ela tinha poder de fascinação. Os seus pais tinham-lhes contado lendas e histórias dela, e os macacos temiam-na nunca a olhando nos olhos.

Balú e Báguirá estavam bastante feridos, mas mesmo assim decidiram ir procurar Máugli. Enquanto isso Cá enfeitava os macacos.

Balú e Báguirá trouxeram Máugli e apresentaram-lhe Cá. A velha Piton avisou Máugli: “és tu o homenzinho? Tem cuidado. No crepúsculo posso confundir-te com um Bandarlôgue.”

Máugli agradeceu-lhe o facto de lhe ter salvo a vida: “Tu e eu somos do mesmo sangue. Salvaste-me a vida esta noite. O que eu matar na caça será para ti, sempre que tenhas fome. Sou ágil com as mãos e um dia posso ajudar-te se caíres numa armadilha. Talvez um dia possa pagar esta dívida que tenho contigo, com o Balú e com a Báguirá”.

Conquistada por Máugli, a cobra respondeu-lhe: “Tens o coração tão grande como cortês é a tua língua. Irás longe na selva homenzinho”.

Enquanto Cá fez a sua dança hipnótica, Máugli e os dois amigos fugiram dali.

Quando estavam a salvo, Balú e Báguirá ralharam com Máugli, responsabilizando-o por tudo o que tinha acontecido. Máugli reconheceu o seu erro, mas Báguirá lembrou-o que a Lei da Selva diz que “O arrependimento não nos livra do castigo”.

Báguirá deu-lhe meia dúzia de pancadas e no final mandou-o sentar-se no seu lombo e levou-o para casa.

Uma das coisas mais bonitas da Lei da Selva é que o castigo salda definitivamente as contas e não se volta a falar mais no assunto.

O Livro da Selva

Tigre! Tigre!

Depois de muito andar, Máugli chegou à Aldeia dos Homens.

Quando se aproximou de um grupo de rapazes, estes fugiram e começaram a gritar com medo.

Toda a Aldeia veio ver o que se passava.

Os homens olharam Máugli e acalmaram os outros rapazes. Ele era só um menino-lobo que devia ter vindo da selva. Então, Messua, aproximou-se para vê-lo. Há muitos anos um Tigre tinha-lhe raptado o filho. Olhando para ele percebeu que era parecido com o seu filho perdido: Nathoo. Pegou nele e levou-o para casa.

Máugli pensava que tudo isto era mais uma vez o que tinha passado na selva quando foi apresentado à Rocha do Conselho. Máugli percebeu então que não sabia a linguagem dos homens. Era capaz de falar com todos os animais, mas não percebia os homens. Decidiu, no seu íntimo, aprender a falar a linguagem dos homens, e ia repetindo o que Messua lhe dizia.

Tinha muitas dificuldades em aprender algumas coisas como a comer com a ajuda de talheres e não se sentia bem com as novas roupas e a dormir numa cama. Messua, como qualquer mãe, deixou-o ir-se adaptando à sua nova vida, ao seu ritmo.

Na primeira noite, saiu de casa e deitou-se no chão, em cima da erva.

Antes de conseguir fechar os olhos, ouviu alguém que o chamava. Era o Irmão Cinzento, o maior dos filhos da Mãe-Loba, que lhe trazia notícias da Selva, Xer-Cane tinha ficado com o pêlo chamuscado da Flor Vermelha e por isso, tinha ido caçar para longe, até que lhe crescesse o pêlo, mas tinha jurado voltar e matar Máugli.

O Irmão Cinzento perguntou a Máugli se ele nunca se iria esquecer que tinha sido um lobo. Máugli garantiu-lhe que jamais se esqueceria, mas também não esquecia que tinha sido expulso da Alcateia. Quando se despediram combinaram encontrar-se por entre os Bambus, o Irmão Cinzento iria trazer-lhe sempre notícias.

Durante 3 meses Máugli teve muito trabalho na Aldeia, para se habituar a andar vestido, a lavrar a terra e o valor das moedas. Era tudo muito difícil porque não entendia nenhuma destas coisas. Não entendia o porquê delas se fazerem ou existirem.

Ao fim de 5 meses Máugli já falava correctamente a linguagem dos homens. À noite os homens reuniam-se para contarem histórias extraordinárias sobre deuses, homens e duendes. Buldeo, o homem mais velho, contava sempre histórias sobre a Selva e Máugli tinha que se conter para não rir. Um dia, estava Buldeo a contar uma história e afirmou que o tigre que tinha raptado Máugli era um tigre duende e que nele habitava o espírito de Purun-Dass, um usuário que tinha morrido, como Purun-Dass era coxo, o tigre também coxeava. Máugli ao ouvir tamanho disparate levantou-se e desmentiu Buldeo. “As tuas histórias são falsas. Xer-Cane coxeia porque nasceu coxo, nada mais. Não há uma única palavra de verdade em todas as tuas histórias sobre a selva”. Buldeo ficou irritado com Máugli.

Todos os dias Máugli levava uma manada de búfalos a pastar e encontrava-se com o Irmão Cinzento no local combinado. Um dia, o Irmão Cinzento disse-lhe, preocupado, que tinha visto Xer-Cane no barranco seco do Uienganga e que este tinha voltado e dizia que nessa noite ia esperá-lo à entrada da aldeia. Máugli quis saber se ele caçava com o estômago vazio ou cheio, o Irmão Cinzento contou-lhe que o tigre tinha já comido um

O Livro da Selva

javali e bebido também. Máugli ficou contente, porque com o estômago cheio Xer-Cane ficaria com os movimentos e os reflexos mais lentos.

Tentando encontrar uma estratégia, Máugli perguntou ao irmão cinzento se ele conseguia dividir a manada de búfalos, de maneira a fazerem uma emboscada a Xer-Cane. O lobo admitiu que precisaria de ajuda para isso, foi então que ouviram um uivo de entre os ramos, era Aquelá. Então os dois lobos começaram a correr por entre a manada e dividiram-na em duas, Máugli ordenou que a parte dos machos da manada fosse para a esquerda e que a metade que tinha as fêmeas e crias fosse conduzida para as margens do rio, onde as margens fossem altas e impedissem o tigre de saltar. Montado no chefe da manada, Rama, conduziu-os até ao leito seco do rio.

Quando chegou gritou por Xer-Cane, quando Xer-Cane percebeu, os machos, conduzidos por Aquelá desciam em grande velocidade contra ele, Xer-Cane, pesado da refeição que tinha tido, tentou encontrar uma saída, mas do outro lado vinham as fêmeas e os bezerras. Xer-Cane parou indeciso. Quando a manada se encontrou a meio do leito do rio seco, Xer-Cane jazia no chão, morto.

Máugli começou a tirar a pele do tigre e não deu pela chegada de Buldeo. Quando o homem percebeu que o tigre era Xer-Cane tentou convencer Máugli a que este lhe desse a pele do tigre porque valia muito dinheiro. Máugli disse que não podia ser, porque precisava da pele do tigre. Buldeo enraiveceu-se com Máugli, mas Aquelá chegou e deitou o homem ao chão, então Buldeo pensou que Máugli não era só um homem, com o poder que ele tinha sobre os animais, só poderia ser um bruxo e pediu-lhe que o deixasse partir. Fugiu tão depressa como pode e quando chegou à aldeia contou uma história de magia que encantou todos.

Depois de esfolar a pele de Xer-Cane, Máugli reuniu a manada e conduziu-a de regresso à Aldeia, quando lá chegou, ouviu o som de campainhas e viu metade da população à sua espera à entrada. Primeiro pensou que era para lhe agradecer ter morto o tigre, mas depois percebeu que não. Os homens chamaram-lhe bruxo e não o queriam mais na aldeia. Messua foi junto de Máugli e disse-lhe que Buldeo tinha voltado a aldeia contra ele, disse-lhe para fugir senão os homens matavam-no.

Máugli ordenou a Messua que corresse o mais que pudesse porque ele ia lançar a manada contra os homens. Antes dela partir, garantiu-lhe que não era nem bruxo nem fera.

Com a ajuda de Aquelá, Máugli conduziu a manada contra as portas da entrada da aldeia afastando a multidão.

Máugli agarrou na pele de Xer-Cane e dirigiu-se à Selva, ao encontrar Racxa, disse-lhe que tinha sido expulso da Alcateia dos Homens mas tinha cumprido a sua promessa: tinha caçado Xer-Cane. Todos juntos subiram à Rocha do Conselho e Máugli estendeu a pele do tigre.

Desde que ficaram sem chefe os lobos tinham caçado e vivido sozinhos com todas as desvantagens que esse isolamento lhes trazia. Quando viram que Máugli tinha cumprido a promessa, pediram a Máugli e a aquela que assumissem o lugar de Chefes da Alcateia, mas Máugli negou dizendo: “Expulsaram-me da Alcateia dos Lobos e da Alcateia dos Homens, daqui em diante caçarei sozinho!”

A foca branca

Limerchin, uma carriça de inverno, é um pássaro estranho mas que sabe dizer a verdade, contou-me esta história quando a aqueci e alimentei a caminho do Japão.

A história passou-se há muitos anos, muito longe, num sitio chamado Novastosná, ponta de nordeste da Ilha de São Paulo, no Mar de Bering-

Ninguém vai a Novastosná se não tiver algo para fazer por lá e só as focas têm o que fazer por lá, porque é o melhor lugar que existe para as focas. Chegavam no verão aos milhares.

Rompão Marinho, todas as primaveras saía de onde quer que estivesse em direção a Novastosná para lutar com os outros machos por um bom lugar para as suas crias.

As fêmeas só chegariam à praia no final de Maio ou início de Junho e os holuchiqui (machos solteiros) afastavam-se destas lutas.

Quando Matcá, esposa de Rompão Marinho, chegou à praia já havia para eles um lugar reservado, foi neste lugar que nasceu Cótique, a cria de Matcá e Rompão Marinho. Quando Matcá o inspecionou reparou em algo diferente nele, ele ia ser branco e nunca se tinha visto uma foca branca.

As focas quando nascem não sabem nadar mas enquanto não o aprendem não ficam felizes. Cótique demorou duas semanas a aprender que a água era o seu local e a usar as barbatanas. No meio de muitas brincadeiras com as outras crias, Cótique aprendeu a conhecer as ondas e também os perigos do mar como a barbatana esguia da Orca que devorava focas.

No Outono as focas e as suas novas crias faziam-se de novo ao mar e durante todo o ano ensinavam as crias a apanhar peixe, a prever o mau tempo e a dormir apenas com o focinho fora de água e tudo o mais que havia para as focas saberem.

Ao fim de seis meses, sem nunca ter ido a terra, perto da Ilha de Juan Fernandes, sentiu o corpo estranho e lembrou-se das praias de Novastosná, foi então que virou para norte e seguiu nadando. No caminho encontrou dezenas de outros holuchiqui.

Chegados à praia, as focas velhas lutavam por um lugar para as suas famílias e eles, os holuchiqui, seguiam juntos para o interior onde ficavam entregues a brincadeiras e a conversas sobre as suas vidas e aventuras.

Todos perguntavam a Cótique porque a sua pele era branca, Cótique não gostava de falar sobre isso.

Estavam ali há uns dias quando 2 homens se aproximaram e ficaram a observá-los. Os homens tocavam algumas focas para um local onde as matavam para usarem a sua pele. Ao verem a foca branca ficaram assustados porque não havia memória da existência de uma foca branca.

Cótique enquanto via as focas serem tocadas pelos homens perguntava a todos o que estava a acontecer, para onde iam, mas ninguém lhe sabia responder. Diziam-lhe apenas que era assim todos os anos.

Cótique decidiu segui-los e viu os seus amigos serem mortos e esfolados pelos homens. Quando viu aquilo começou a fugir o mais rápido que podia e foi acabar por ir para o pé dos Leões Marinhos que lhe disseram que há 30 anos que os homens faziam aquilo que ele tinha visto. O Leão Marinho disse-lhe que era normal,

O Livro da Selva

todos os anos as focas iam para aquele lugar e por isso todos os anos os homens levavam algumas focas. Só seria possível acabar com aquele cenário se encontrassem um local onde não existissem homens.

Cótiqye queria saber se não havia um local assim e o Leão Marinho disse-lhe que se houvesse só o Bruxo Marinho saberia. Depois de descansar um bocado, Cótiqye pôs-se a caminho da Ilha da Morsa onde encontrou o Bruxo Marinho que lhe disse não saber onde poderia encontrar tal local, mas aconselhou-o a ir falar com a Vaca Marinha, se houvesse na terra um lugar assim, ela saberia com certeza.

Depois desta conversa, Cótiqye voltou a Novastosná e descobriu que nenhuma foca concordava com a sua busca. No Outono, assim que pôde, Cótiqye entrou no mar com a ideia de encontrar a Vaca Marinha. Durante muito tempo procurou a Vaca Marinha e um local de paz para as focas mas não encontrou.

O Empreendimento de Cótiqye, segundo o relato de Limerchin, durou 5 anos, e quando estaa quase a desistir encontrou uma velha foca que lhe disse que havia uma profecia antiga que dizia que viria um dia uma foca branca que conduziria as focas para uma praia tranquila, a velha foca aconselhou-o a tentar mais uma vez.

Um dia encontrou uns animais estranhos que nunca tinha visto e percebeu que tinha encontrado a Vaca Marinha. Nunca conseguiu comunicar com nenhuma das vacas marinhas mas seguiu-as com muita paciência. Um dia a manada de vacas marinhas mergulhou fundo e começou a nadar mais depressa. Quando, finalmente, Cótiqye veio à tona viu a praia mais bela que já tinha visto e percebeu que ali nenhum homem alguma vez tinha ido.

Tinha encontrado um local tranquilo. Fixou bem a entrada e o caminho e regressou à sua terra.

Quando contou a todos que tinha encontrado o local ideia, todos se começaram a rir dele, todos menos um holuchiqui fêmea que, como ele, tinha ficado mais um ano sem criar família.

Cótiqye bateu-se com todos os machos para provar que tinha razão e Rompão Arinho ao ver a valentia do filho, ficou do seu lado.

Cótiqye dirigiu-se a todos dizendo que durante anos tinha procurado um local para proteger todas as focas e perguntou: quem vem comigo? E muitos acabaram por dizer-lhe que sim. Cótiqye guiou milhares de focas pelo tunel da Vaca Marinha e na Primavera seguinte, quando voltarm às praias, a noticia foi-se espelhando e todos os anos mais focas se lhes juntavam naquele paraíso que Cótiqye havia descoberto.

Riqui-Tiqui-Tavi

Riqui-Tiqui-Tavi era um manguço, parecido com um gatinho mas igual a uma doninha na cabeça e em hábitos, vivia com a mãe muito perto da Estação Militar de Sigáuli.

Um dia houve uma grande cheia estival e Riqui-Tiqui-Távi foi arrastado pela força da água até perder os sentidos. Quando voltou a si estava deitado ao sol todo sujo e ouviu a voz de um rapaz que dizia que estava um manguço morto no quintal e que haviam de lhe fazer o funeral. Mas a mãe do rapazinho achou o manguço com vida e decidiu levá-lo para casa para o tratar.

Depois de aquecido e limpo saltou para os ombros do rapaz que se chamava Teddy. A família de Teddy deu-lhe abrigo e comida. Os manguços são animais muito curiosos e passam a sua vida a tentar descobrir coisas novas, foi o Riqui-Tiqui fez na casa de Teddy.

Nas suas excursões ao quintal da família de Teddy ouviu vozes num lamento, eram Darzi, o pássaro alfaiate e a mulher que explicaram que uma das suas crias tinha caído do ninho e Nague, a cobra Capelo.

Riqui-Tiqui não mostrou medo à cobra, porque a vida de um manguço é caçar cobras e Nague bem o sabia, apesar de não demonstrar estava cheia de medo. Nague tentou distrair Riqui-Tiqui para que Nagaína, a mulher de Nague se aproximasse de Riqui-Tiqui por trás. Mas antes que Nagaína pudesse fazer alguma coisa, Darzi a visou Riqui-Tiqui e ele escapou à cobra tendo-çhe mordido a espinha. As cobras fugiram e Riqui-Tiqui foi para casa e pôs-se a pensar no que havia acontecido.

Quando Teddy encontrou Riqui-Tiqui, uma voz falou-lhes do Chão, era Caraíte que é uma cobra acastanhada tão perigosa ou mais que as Capelos. Apesar de não saber que esta cobra pequenina era muito perigosa, Riqui-Tiqui lutou com ela para defender Teddy. Quando o pai de Teddy chegou já Caraíte estava morta e Riqui estava a tomar banho de pó.

A mãe de Teddy agradeceu a Riqui como pôde por este ter salvo a vida ao filho e Teddy levou-o para o seu quarto para que dormisse com ele.

De noite, Riqui esgueirou-se para ir dar uma volta ao redor da casa e foi aí que encontrou Chuchundra, um rato amlmiscarado, que estava cheio de medo. Tinha visto a luta entre Riqui-Tique e Nague e temia que a cobra o confundisse com o manguço. Entretanto ouviu um som muito leve e chuchundra disse-lhe: são eles, vão com certeza enfiar-se no cano da casa de banho. Riqui não tinha tempo a perder, foi ao quarto de Teddy não viu nada, foi ao quarto dos pais de Teddy e quando meteu a cabeça no burac do tijolo ouviu Nague e Nagaína que combinavam um ataque à família de Teddy, porque quando a casa estivesse vazia, Riqui seria obrigado a deixar aquele lugar.

Escondido, Riqui viu Nague a aproximar-se e começou a pensar na melhor forma de o atacar. Quando o atacou a luta foi feroz porque Nague era uma grande cobra, o barulho acordou o pai de Teddy que matou a grande cobra e agarrou Riqui-Tiqui. Durante o resto da noite Riqui pensou num plano para matar Nagaína além do mais não sabia quando nasceriam as crias dela. Antes do pequeno almoço correu à procura de Darzi.

Riqui estabeleceu um plano com Darzi mas foi a mulher de Darzi que o concretizou. Vou até onde estava Nagaína e fingiu ter uma asa partida. Nagaína perseguiu a mulher de Darzi afastando-se, assim, do local onde tinha os seus ovos. Riqui-Tiqui foi até lá e começou a partir os ovos, porque desses ovos acabariam por sair

O Livro da Selva

cobras capelo tão perigosas como Nague e Nagaína. Foi então que ouviu a mulher de Darzi gritar porque Nagaína tinha entrado na casa da família de Teddy e estava a preparar-se para os atacar.

Riqui-Tiqui chamou Nagaína e mostrou-lhe o último ovo dela, quando a cobra se distraía o Pai de Teddy pôs o filho a salvo. Nagaína correu para salvar o ovo e começou a fugir com Riqui no seu alcance. Mas uma cobra quando corre pela vida corre muito depressa e Riqui estava a perder a corrida. A mulher de Darzi decidiu interferir e com as asas abrandou a cobra, o que fez com que o manguço a alcansasse de novo, mordendo-lhe a cauda, desceu ao ninho da cobra com ela.

Já Darzi cantava um triste cântico funebre quando Riqui saiu do ninho da cobra e disse: acabou. Nagaína já não ataca mais ninguém. Depois de descansar um pouco pediu a Darzi que avisasse o Caldeireiro, passáro que dá todas as novidades a quem as quiser ouvir, para que este levasse a notícia que Nagaína tinha morrido.

Tendo salvado a vida a todos e afastado as cobras do quintal, Riqui-Tiqui-Tavi comeu tudo o que de bom havia e adormeceu na cama de Teddy.

Tumai de Elefantes

Cala Nague, que quer dizer cobra negra, servira o Governo da Índia por 47 anos. Foi apanhado juntamente com a Mãe Rada Piari quando tinha cerca de 20 anos. A sua mãe ensinara-lhe a ser destimido e ele pôs de lado o medo o que lhe conferiu a honra de ser tratado como o elefante mais querido do governo. Depois de ter lutado em guerras, ajudado nas construções de vários tipos e transportado tendas para os soldados, foi retirado deste trabalho mais árduo e colocado na caça aos elefantes selvagens.

Cala Nague tinha grande apreço por Tumai Grande, que era agora o seu condutor e pela sua família que o haviam conduzido antes: Tumai Preto, pai de Tumai Grande e Tumai dos Elefantes pai de Tumai Preto. O condutor afirmava que Cala Nague não tinha medo de coisa alguma à exceção de si porque ele e os seus antepassados o tinham sempre tratado e alimentado.

Tumai pequeno, filho de Tumai Grande sabia que um dia ele seria o condutor de Cala Nague e que um dia haveria de o vender a um Rei que ornamentaria o elefante cuja única tarefa seria ostentar a riqueza do rei. Para Tumai Pequeno melhor que ser o elefante do Rei só as aventuras na selva.

Um dia entusiasmado com a luta entre Cala Nague e os elefantes selvagens, Tumai Pequeno caiu no meio dos animais e foi Cala Nague que o resgatou e colocou em segurança ao pé de Tumai Grande. Tumai Grande zangou-se com o filho porque Petersen Saibe, o maior caçador de elefantes para o governo da Índia, não gostava de intromissões nem que os elefantes fossem feridos por falta de cautela.

No fim da Caçada o próprio Petersen Saibe trazia o escrivão para pagar os salários aos condutores que, por su vez, regressavam para a planície. Num destes dias quando Tumai Grande foi receber o seu salário acoomanhado de Tumai Pequeno, Machua Apa que era pisteiro de elefantes comentou que era pena que levassem Tumai Pequeno para a planície porque ele percebia de elefantes. Petersen Saibe, que estava sempre atento ao que se passava ao seu redor, ouviu o comentário e uvidou porque cada um tinha a sua tarefa e ele não conhecia nenhum homem condutor capaz de ser caçador de elefantes. Machua Apa indicou-lhe o rapaz e ele, montado na sua elefanta Pudmini, observou o rapaz com atenção.

Como Tumai Pequeno não conseguia ver bem Petersen Saibe, fez sinal a Cala Nague e o grande elefante agarrou-o com a tromba e elevou-o até perto do homem. Petersen perguntou-lhe para que tinha ensinado aquele truque ao elefante, seria para roubar trigo dos telhados das casas? Tumai Pequeno apressou-se a responder: “Trigo Não, Melões” e todos inrromperam em gargalhadas. O pai de Tumai veio em seu auxilio e pediu desculpas pelo rapaz, dizendo a Petersen que o rapaz era mau e que, possivelmente, acabaria na cadeia. Petersen discordou porque um rapaz tão corajoso para entrar no meio de uma luta de elfantes jamais seria preso. Petersen disse a Tumai Pequeno que um dia poderia dar um bom caçador mas que aquele lugar de luta não era para crianças. Tumai Pequeno perguntou se nunca poderia entrar e Petersen respondeu que sim, quando ele avistasse elefantes a dançar. Esta expressão queria dizer nunca pois jamais alguém havia visto elefantes dançar.

No caminho para a planície quando guiavam uma coluna de elefantes recém capturados, Tumai Pequeno ouviu o pai a discutir com um caçador. O caçador afirmou que se deixassem os elefantes soltos eles fugiriam porque os elefantes abem quando acaba a época das caçadas e vão todos para o mesmo local para dançarem.

Nessa noite Tumai Pequeno acordou e ficou a vee a a ouvir a noite. De repente ouviu o urro de um elefante selvagem e pôde ver todos os elefantes da coluna levantarem-se num salto o que fez todos acordarem. Depois de reforçadas as cadeias e estacas que amarravam os elefantes, os hoemsn tornaram às suas cabanas para

dormir e Tumai Pequeno ficou ao pé de Cala Nague. Foi então que viu o velho elefante a livrar-se das amarras e a caminhar lenta e silenciosamente. Tumai Pequeno seguiu-o e pediu-lhe para ir com ele, o elefante coçou-o no dorso e embrenhou-se na floresta. Depois de muito andar pelo meio da floresta e de atravessar o leito de um rio, Tumai Pequeno pode ver uma grande clareira reodeada de densas plantas mas sem qualquer vestígio no centro. Aos poucos dezenas de elefantes foram entrando na clareira, elefantes machos e fêmeas, velhos e novos e também algumas crias. Os elefantes banboliavam os corpos em conjunto com as cabeças unidas em pares.

Cala Nague ergueu-se sobre as patas dianteiras e começou a bater com elas, alternadamente, no solo, e todos os outros elefantes o imitaram num barulho ensurdecido mas cadenciado. Ao romper da aurora o barulho parou e Tumai Pequeno não viu senão Cala Nague, Pudmini e outro elefante. Tumai Pequeno em cima do dorso de Cala Nague foi levado para o acampamento de Petersen Saibe. Tumai Pequeno extenuado deixou-se dormir, quando, passado duas horas acordou, contou em poucas palavras a sua história e como não acreditasse nele desafiou-os a irem ver a clareira que estava certamente muito maior depois da passegem de dezenas de elefantes.

Enquanto Tumai Pequeno dormia, Petersen e Machua Apa seguiram a pista e encontraram a clareira onde concluíram que o rapaz tinha contado a verdade. Nessa noite houve festa no acampamento e era Tumai Pequeno o centro de todas as atenções. No final da festa, Machua Apa levantou Tumai Pequeno e disse que aquele rapaz tinha visto o que mais ninguém vira, que viria a ser o melhor pisteiro de sempre e que, por isso mesmo, deveria ser conhecido por Tumai dos Elefantes, nome do seu bisavô.

De seguida mostrou-o aos elefantes e estes levantaram as trombas e soltaram um grande urro em homenagem a Tumai dos Elefantes.

Servidores de Sua Magestade

Em Roalpindi choveu durante um mês inteiro num acampamento com milhares de homens, cavalos, camelos, elefantes, mulas e bois. Estavam ali acampados para que o Vice Rei da Índia lhes passasse revista.

Estava de visita ao Vice Rei um emir do Afegasnistão que tinha trazido com ele uma escolta de 800 homens e cavalos, mas nem um nem outros jamais vira um acampamento.

Com a quantidade de animais que ali se encontravam havia, todas as noites, algumas dezenas que se soltavam e corriam sem destino, passando por cima das tendas onde os homens tentavam dormir.

Uma noite um camelo irrompeu por uma tenda dando tempo apenas que o homem que nela se abrigava e o seu cão, Raposinha, dali saíssem a correr.

O homem parou já longe das linhas do acampamento e viu aproximar-se uma mula e um camelo. Devido ao tempo que passara com os indígenas percebia o que os animais diziam e ouviu o camelo e a mula a conversarem.

Alguns camelos tinham-se soltado e passaram pelas mulas a correr e a gritar que havia ladrões e fogo e lamçaram o pânico no acampamento. A mula deu dois coices ao camelo para que aprendesse a lição de não importunar os outros. Estavam nisto quando ouviram os cascos de um cavalo de esquadrão. Logo em seguida se ouviu um grande reboliço e eram os bois que tinham sido acordados. Uma mula nova vinha à frente a gritar por Bidy e quando a viu aconchegou-se nela. A mula nova estava com tanto medo que todos zombaram dela, até os bois que se deitaram a ruminar. Mas o cavalo de esquadrão que era um cavalheiro apaziguou todos e disse à mula nova que todos temo medo em alguma altura e não há que se vergonha disso.

Entretanto puseram-se à conversa acerca da missão de cada um e a mula nova ficou muito espantada e curiosa quando o cavalo disse que só tinha que obedecer às rédeas do seu cavaleiro, Ricardo Cunliffe. Bidy retorquiu que a elas só lhes ensinaram a seguir e a obedecer ao homem que aí está à frente. Estando a falar disto, o cavalo começou a contar que tinha que se manter sempre atento porque irrompia diversas vezes por entre multidões de homens a cavalo munidos de facas e de lanças, enquanto visse a lança de Ricardo do seu lado direito estava seguro e tinha que garantir que Ricardo não caía e que nenhum inimigo o derrubava.

Bidy explicou então o seu trabalho, ser mula de peças de artilharia era um trapalho muito exigente porque jamais poderiam tropeçar ou cair senão as peças poderiam feri-las. Além disso as mulas tinham que saber esconder-se para não serem alvejadas.

O cavalo não entendia como era possível manter-se imóvel e escondido, ele gostava de estar na linha da frente e combater com Ricardo. Bidy por seu lado defendia que as peças de artilharia faziam o trabalho melhor e mantinham homens e animais longe dos perigos das facas.

O camelo tinha estado a ouvi-los e a determinada altura interrompeu-os. Na verdade também ele era um combatente mas não tinha que acartar peças pesadas e subir colinas nem tinha que correr no meio de homens armados de facas, só tinha que se deitar escondido atrás de escudos e deixar que os homens fizessem fogo em cima deles.

No meio desta conversa levantou-se um dos bois e disse-lhes que tudo aquilo eram disparates, só havia uma maneira de combater que é juntar as juntas à peça grande de artilharia assim que o elefante (dois rabos chamava-lhe o boi) urra. O elefante urra para dizer que não vem mais fumo daquele lado e então os bois unem as juntas à peça e empurram-na para outro local, até que os homens voltem a desuni-los. Nessa altura os bois pastam e a peça grande e os homens fazem o resto.

O Livro da Selva

O cavalo e a mula trocaram algumas ofensas e puseram-se a discutir quando ouviram uma voz no escuro. Era Dois Rabos e como nem mula nem cavalo gostavam dele, deixaram-se estar quietos.

O Dois rabos tinha estado a ouvir os outros e ouviu bem o que os bois disseram dele, disseram que ele não combatia porque era covarde. Na tentativa de se explicar o elefante disse que via dentro da cabeça o que os estilhaços faziam e isso fazia com que tremesse por dentro. Continuo dizendo que não era muito esperto porque se fosse era o rei da floresta como era antes e não se tinha deixado capturar.

O Dois Rabos também tinha ouvido a mula e o cavalo a dizerem que o seu urro os repugnava e começou a urrar e a bater com as patas dianteiras.

No meio deste alarido ouviu-se um som diferente, era a Raposinha a ladrar. Finalmente tinha encontrado o homem e como cão esperto que era sabia bem que os elefantes têm medo do ladrar dos cães, mais que de qualquer outra coisa.

O homem abriu o casaco e escondeu o cão para que o elefante não o encontrasse.

O elefante concluiu que todos se assustavam com alguma coisa e a mula mais nova insistiu em perguntar porque razão haviam de combater. Todos lhe reponderam quase em uníssono: Ordens. Mas ela queria saber mais. Ordens sim, mas de quem? Todos lhes disseram que eram ordens dos homens, mas ela não estava satisfeita. Se eles davam ordens, quem lhes daria a eles?

O cavalo procurou o cão e Raposinha chegou-se ao pé deles e disse ao camelo que por causa dele se tinha assutado e o home que era dono dela também. Ao ouvirem isto os bois perceberam que se tratava de um homem branco e desataram a fugir até que ficaram com as juntas entaladas numa vala. O cavalo não entendia o medo dos homens brancos, Ricardo era branco e era bom para ele. Por fim os bois disseram que os homens brancos comiam bois.

No dia seguinte todos os animais compareceram à revista e o homem que os tinha ouvido observou-os um a um nos seus locais muito orgulhosos.

O emir do afeganistão estava maravilhado com o espetáculo e um ansião que o acompanhava perguntou a um indigena como conseguiam tudo aquilo. O indigena disse-lhe que a respotsa era simples: dá-se uma ordem e todos lhe obedecem. O ansião estava espantado pois não sabia que os animais também obedeciam e o indigena explicou-lhe que há uma sucessão de obediência: os animais obedecem ao seu condutor, o condutor ao sargento, o sargento ao tenente, o tenente ao capitão, o capitão ao major, o major ao coronel, o coronel ao brigadeiro, o brigadeiro ao general, o general ao vice rei e o vice rei à imperatriz.

Desolado o ansião repondeu-lhe que na sua terra não era assim, lá só obedeciam à sua própria vontade ao que o indigena respondeu com esgar que era por isso que tinha que ir à Índia receber ordens do Vice Rei.

Como nasceu o medo

A Lei da Selva é a mais antiga lei do mundo, prevê todos os casos que possam apresentar-se ao seu povo e o seu código é tão perfeito porque foi aprofundado com o tempo e o hábito.

Um dia, quando Máugli estava cansado das lições, Balú explicou-lhe que a Lei é como uma trepadeira gigante, alcança tudo e todos e ninguém lhe pode escapar. Disse-lhe Balú com ar sério: “Quando tiveres vivido tanto quanto eu, darás conta que toda a selva obedece pelo menos a uma lei.” Máugli não ligou nenhuma importância, porque quem não tem com que se preocupar senão com o que comer e dormir não presta atenção ao resto. Balú percebeu, mas o velho e sábio urso sabia que mais cedo ou mais tarde a vida ensinaria esta lição a Máugli.

E foi mais cedo do que se pensava. Um ano depois, Máugli pôde ver toda a selva debaixo da mesma lei.

Tudo começou quando as chuvas de inverno faltaram quase completamente.

Um dia ia Máugli a passear na selva e encontrou Ikki, o porco-espinho. Quando o cumprimentou como era costuma na selva “Boa Sorte, Ikki”, o porco-espinho respondeu “e bem vamos precisar de sorte este ano”. Máugli não percebia, mas Ikki disse-lhe que as batatas silvestres estavam a secar e isso era muito mau sinal, perguntou-lhe se continuava a mergulhar na Rocha das Abelhas e Máugli disse que não havia água e podia partir a cabeça.

Intrigado com o que Ikki dissera, Máugli procurou Balú. Balú disse-lhe que de facto era mau sinal, mas podiam esperar para ver como ia florescer o Mowa e naquela primavera o Mowa não floresceu.

O calor foi entrando pouco a pouco no coração da selva secando toda a vegetação. As lagoas foram perdendo a água, os arbustos foram secando, as rochas ficaram sem musgo, os macacos e os pássaros emigraram para o norte. A caça foi escasseando, tinham que comer tudo o que fosse possível porque não havia muita comida, mas o pior de tudo era a falta de água. Tudo foi secando e o rio Uienganga era o único sitio onde havia um pouco de água. Nessa altura Hathi viu aparecer no leito do rio um banco de pedra e soube que aquela era a Rocha da Paz. Então levantou a tromba de imediato, como tinha visto o seu pai fazer há 50 anos, e proclamou A Trégua da Água, todos os animais o ajudaram e Rann foi espalhar a notícia voando em todas as direcções.

A Lei da Selva proíbe toda a caça nos locais destinados a beber quando é proclamada a Trégua da Água. Assim, podiam ver-se, todas as noites, todos os animais da selva, carnívoros e herbívoros, a beberem juntos no mesmo local sem que nenhum atacasse o outro.

Máugli, Balú e Báguirá foram até à Rocha da Paz para saber notícias e lá encontraram Hathi vigiando todos os animais, como se fosse o guardião da Trégua da Água. Ali estavam conversando com Hathi quando se aproximou Xer-Cane. Quando Xer-Cane começou a beber e a água começou a ficar suja de sangue. Xer-Cane tinha morto um homem. Perante a indignação de todos os animais, Xer-Cane disse que tinha esse direito. Hathi afastou-o da água porque estava a sujá-la e ela era de todos. Máugli ficou sem perceber de que direito falava Xer-Cane porque matar um homem era, segundo a Lei da Selva, uma acto vergonhoso.

Dirigiu-se a Hathi e perguntou-lhe qual o direito de que Xer-Cane falava.

O Livro da Selva

Hathi disse então a todos os animais que se sentassem porque essa história era mais antiga que a própria selva e ele iria contá-la.

Hathi sentou-se na lagoa perto da Rocha da Paz e começou a história:

Houve um tempo em que todos os animais andavam juntos na selva. Naquela altura não havia secas e todas as árvores davam frutos. Os animais alimentavam-se todos de frutas e mel.

Foi Tha, o Senhor da Selva, o Primeiro Elefante, que tirou a Selva das águas profundas com a sua tromba. E onde traçou sulcos na terra com as suas presas ali corriam os rios, onde ele pousou os pés brotaram as flores, e quando bramiu caíram as árvores... Foi assim que foi feita a Selva.

Naquele tempo o povo da selva nada sabia sobre o homem e vivia todo junto, numa única manada, mas pouco a pouco começaram as disputas. Onde havia muita comida todos se tornavam preguiçosos. Tha andava ocupado a criar outras selvas, a fazer nascer outros rios, a fazer crescer novas árvores. Assim, para evitar lutas decidiu nomear o Primeiro Tigre dono e juiz da selva que tinha como missão resolver todos os problemas que o povo da selva lhe apresentasse.

Nesse tempo o tigre era todo liso de cor amarelada, não tinha riscas e alimentava-se de fruta e ervas como todos os animais. A sua palavra era lei e todos o respeitavam.

Um dia surgiu uma questão entre dois jovens veados e um deles, enquanto apresentava o seu problema, bateu-lhe com as hastes. O Primeiro Tigre esqueceu-se que era Juiz da Selva e sem pensar matou o veado, tendo depois fugido para os pântanos do norte porque nunca tinha morto nenhum animal.

Quando os animais ficaram sem juiz começaram a lutar uns contra os outros, Tha ouviu o som das lutas e voltou à Selva. Perguntou quem tinha morto o gamo e nenhum animal lho quis dizer. Tha ordenou às árvores e trepadeiras para marcarem quem o tinha feito para que ele o reconhecesse. De seguida perguntou quem queria ser o Juiz da Selva. O macaco que vivia nas árvores disse que queria ele. Tha riu-se mas acabou por concordar. O macaco cansou-se rapidamente e ao fim de um tempo começou a troçar dos outros e os outros dele. Tha voltou à selva e reuniu todos os animais.

Tha disse aos animais: “O Primeiro juiz trouxe a morte à selva, o segundo trouxe a vergonha. É altura de terem uma lei à qual não deixem de obedecer. Agora vão conhecer o medo e vão aprender que é ele o senhor”.

Os animais não conheciam o medo e Tha mandou que o procurassem até que o encontrassem. Uma noite os búfalos disseram ter encontrado o Medo numa gruta, “fomos até lá e encontrámo-lo. Não tinha pelos e andava sobre as patas de trás. Quando nos viu gritou e a sua voz encheu-nos de espanto, então fugimos porque pela primeira vez tínhamos sentido medo”. Naquela noite os animais da selva separaram-se por tribos, já não dormiram juntos.

O Tigre quando soube foi em busca do medo para o matar, no caminho, as árvores e as trepadeiras lembrando-se da ordem de Tha, marcaram o seu pêlo com riscas pretas. Quando chegou à gruta, o da pele nua chamou-lhe raiado e o tigre sentiu medo e fugiu para os pântanos. Tha foi ao encontro do Tigre que lhe pediu para lhe devolver os seus poderes porque tinha sentido medo do da pele nua que lhe tinha chamado raiado porque ele tinha a pele suja dos pântanos. Tha disse-lhe para se ir lavar. Se fosse sujidade sairia.

Depois de se banhar e de se esfregar nas ervas o tigre viu que nenhuma risca saía e perguntando porque aquilo lhe tinha acontecido, Tha disse-lhe que era porque ele tinha levado a morte para a selva e depois dela entrara o medo, aquele medo que ele sentia do da pele nua. Tha disse ao tigre: “Por causa do que fizeste,

O Livro da Selva

agora todos os animais têm medo uns dos outros”. O Tigre achou não ser possível porque todos o conheciam, mas sempre que se tentava aproximar de um animal ele fugia de medo.

O Tigre pediu a Tha que permitisse que os seus filhos soubessem que tempos houve em que ele era o dono da selva e não conhecia nem medo, nem morte nem vergonha. Tha garantiu que uma noite por ano, apenas uma noite por ano, ele e os seus filhos não teriam medo e se nessa noite encontrasse o da pele nua, poderia matá-lo porque não teria medo. Mas, Tha pediu ao Tigre para que este fosse misericordioso com o homem nessa noite porque o tigre também sabia o que era ter medo.

Mas quando a noite chegou o Tigre enfurecido por ter riscas no corpo procurou o da pele nua e matou-o. Foi então que Tha apareceu e o questionou sobre a misericórdia que haviam combinado que ele teria. O tigre achava que não importava porque tinha morto o medo e assim o medo não existia mais, que ele podia voltar a ser o dono da selva. Tha garantiu-lhe que ele havia apenas morto um, que havia mais e que os homens aprendiam depressa e que tinha sido ele a ensiná-los a matar. Tha avisou que o homem iria caçar o tigre onde ele estivesse, ia fazer roupas da sua pele, e não teria misericórdia com ele. No final da conversa a noite tinha passado e um outro homem saiu da gruta e ao ver o amigo morto, pegou num pau aguçado e atirou-o ao tigre ferindo-o.

Hathi tinha terminado a sua história e explicou a Máugli, só quando um grande medo como este que estamos a passar agora se abate sobre todos, só nessa altura podemos juntar-nos todos sem temor. Durante o resto do tempo o medo passeia livremente pela selva.

O Milagre de Purum Bhagate

Purum Dass era um homem muito importante na Índia, filho de um alto funcionário e bramane de casta, era o primeiro ministro de um dos estados indígenas semi independentes do Noroeste do país.

Purum Dasse foi-se apercebendo que tinha que dar-se bem com os ingleses e havia que imitá-los no que eles tinham de bom, isto se quisesse prosperar.

Quando Rei morreu, Purum Dass tornou-se no braço direito do herdeiro do trono e em conjunto, sempre deixando os louros para o seu Senhor, fundaram escolas, abrigos e estradas. Todo o poder instituído estavam encantados com todas as coisas que tinham feito. Assim, Purum Dass tornou-se amigo de todas as pessoas importantes da sociedade indiana, principalmente, dos ingleses que tinham altos cargos na Índia, mas também de outros menos importantes. Criou bolsas de estudo e escreveu para um jornal explicando as aspirações que o seu senhor tinha para o reino. Foi de visita a Inglaterra e recebeu graus honorários de universidades, falou a todos acerca da reforma social hindu e foi considerado, pela sociedade inglesa, como o homem mais interessante que haviam encontrado.

Ao regressar à Índia, depois de pagar somas avultadas para de novo se purificar, porque atravessar o mar significava impureza, recebeu condecorações e títulos. Um mês depois Purum Dass fez o que ninguém faria, entregou tudo e transformou-se num Mendigo. A sua riqueza entregue ao governo da Índia. Nomeou-se um novo primeiro ministro. Os sacerdotes sabiam o que tinha acontecido e o povo calculava-o, mas não se falava disso.

Agora, Purum Dass era Saniássi - medigo vagabundo sem lar, dependente dos vizinhos para comer e passou a ser conhecido por Purum Baghat. Andava a vaguear, deixando que os seus pés os levassem quando um dia avistou a linha dos Grandes Himalaias e soube que era ali que ia descansar para alcançar o saber. Seguiu a estrada do Himalaia ao Tibete, caminhando e meditando de olhos no chão e pensamentos nas nuvens.

Encontrou um santuário abandonado e foi ali que decidiu ficar, observando algumas milhas abaixo a vida de uma pequena aldeia. Uns dias depois de ter chegado, alertados pelo fumo no santuário, os aldeões perceberam a sua presença e um sacerdote subiu até lá para lhe dar as boas-vindas. Quando olhou Purum Bagath nos olhos, o sacerdote voltou à aldeia sem dizer nada e disse a todos os aldeões: Finalmente temos um Santo Homem.

As mulheres da aldeia fizeram várias iguarias e entregaram ao sacerdote para que as levasse a Purum Bagath. Quando lhes entregou o sacerdote quis saber se Purum pretendia ficar por ali muito tempo e Purum Bagath respondeu-lhe que sim, que finalmente havia encontrado o lugar que lhes estava destinado. OS aldeões tinham uma imensa alegria por terem um homem santo perto deles e por isso todos os dias lhe levavam comida e lhe pediam para que intercedesse por eles.

Aos poucos os animais foram cedendo à curiosidade e aproximavam-se do santuário para irem ver este homem e concluíam que era inofensivo. A todos os animais Purum Bagath chamava seus irmãos e ao apelo dele todos se dirigiam para o santuário. Ao fim de algum tempo como acontece a quase todos os eremitas e santos homens, Purum Bagath tinha fama de milagreiro já que nenhum animal lhe fazia mal.

Os anos foram passando e os aldeões envelhecendo, as crianças tornavam-se adultos e constituíam família. Quando se lhes perguntava há quanto tempo vivia ali aquele santo homem, todos respondiam: sempre.

Houve um tempo em que choveu imensamente durante meses e como o santuário estava acima das nuvens, Purum Bagath não viu a sua aldeia durante todo esse tempo. Quando o sol voltou, fez uma fogueira e chamou os animais, mas nenhum se aproximou.

O Livro da Selva

Numa noite de frio e chuva um simio foi ter com ele e puxou-o para fora do santuário recusando repousar e comer. De seguida houve um veado que se aproximou e o empurrou para a porta.

Finalmente o chão começou a abrir-se e Purum Bagath percebeu que a montanha estava a ruir. Tinha que se apressar a avisar os aldeões que sempre o tinham tratado bem, se não os avisasse a montanha caíria sobre a aldeia. Monatdo em cima do veado desceu a montanha o mais depressa que pôde. Enquanto descia muitos animais se lhe foram juntando. Purum Bagath estava agora em missão, salvar os aldeões e parecia então purum Dass de novo. Quando chagaram á aldeia começou a chamar todos.

Todos os aldeões se apressaram a sair e Purum liderava a população seguindo com os animais à frente.

Subiram uma montanha do lado contrário do vale e quando o veado, por instinto, sentiu segurança, pararam. Purum Bagath estava cansado e com frio.

Durante a noite a montanha caiu e ao nascer do dia toda a paisagem se tinha alterado. Os aldeões gratos por Purum Bagath lhes ter salvo a vida, foram um a um rezar em frente a ele, como forma de agradecimento. Quando chegaram perto dele viram todos os animais tristes e perceberam que Bagath tinha morrido, sentado encostado a uma árvore, a muleta debaixo do sovaco e a cabeça virada para Nordeste.

Em tributo a população construiu um pequeno santuário onde, até aos dias de hoje, todos vão prestar homenagem áquele que salvou a aldeia e os aldeões.

A invasão da Selva

Depois da morte de Xer-Cane, Máugli decidiu que passaria a caçar sozinho, mas mudar de vida nem sempre é fácil. Máugli passava os dias com a família de lobos e os amigos e contava as histórias da Aldeia dos Homens e de como o expulsaram e a história da caçada de Xer-Cane. Racxa tinha receio que os homens não deixassem Máugli, mas ele não queria ouvir falar deles.

Num desses dias, estava Racxa a tentar avisar o filho que os homens podiam tentar encontrá-lo quando Báguirá ouviu algo no meio dos arbustos e cheirando, reconheceu o homem, era Buldeo que lhes seguia o rasto. Os Lobos voltaram-se com intenção de caçar Buldeo mas Máugli disse-lhes para não o fazerem: “Os homens não se comem uns aos outros”. Báguirá ficou espantada com a atitude, porque momentos antes Máugli afirmara não se importar com os homens. Ficaram então a observar Buldeo que tentava encontrar o rasto de Máugli no meio de tantos outros rastos que via na selva. Aproximaram-se um grupo de homens e Buldeo contou-lhes a história do menino-lobo com toda a espécie de acrescentos falsos que conseguiu inventar. Dizia ter sido ele a matar Xer-Cane e que Máugli se tinha transformado em lobo, então como era o melhor caçador de todos os tempos, os outros homens deram-lhe a tarefa de caçar Máugli. No meio da história fantástica Buldeo disse que os homens da aldeia tinham prendido Messua e o marido porque geraram aquele ser maligno e que ficariam com as suas terras e o seu gado e os queimariam na fogueira como bruxos. Máugli ficou preocupado e atordoado com a informação. Não conseguia entender porque razão haveriam de ter prendido Messua e o marido. Como ouvira Buldeo dizer que nada aconteceria enquanto ele não voltasse, Máugli decidiu ir ver o que se passava. Os amigos de Máugli ficaram a empatar os homens que ali estavam para que Máugli tivesse tempo de chegar à aldeia antes deles.

Máugli correu para a aldeia o mais depressa que pôde, entrou no local onde tinham prendido Messua e soltou-a a ela e ao marido. Máugli pediu a Messua que esperassem por ele porque arranjaría forma de os tirar dali, enquanto isso, ouviu-se um barulho, era Buldeo que regressava à Aldeia. Máugli arranjou um cavalo para que Messua e o marido partissem para Khanhiwara, e pediu a Racxa que os seguisse de perto para ter a certeza que chegariam bem e para que a Mãe Loba avisasse toda a Selva que eles podiam passar sãos e salvos.

Como os homens iriam procurar o casal onde os haviam prendido, Máugli pediu a Báguirá que se metesse na cabana e que os empatasse. Quando abriram a porta da cabana deram de caras com Báguirá e fugiram assustados e a gritar. Máugli dormiu um dia e uma noite e quando acordou Báguirá estava deitada ao seu lado com boas notícias, Messua e o marido tinham chegado sãos e salvos a Khanhiwara e a multidão tinha-se recolhido em casa com medo. Máugli pediu à pantera que fosse buscar Hathi e que lhe dissesse para trazer os 3 filhos. Báguirá advertiu Máugli, não se podia ordenar nada a Hathi, ele era o dono da Selva. Máugli disse-lhe para que transmitisse um recado a Hathi: “ele que venha ter com Máugli, a Rã... pela destruição dos campos de Bhurtdore”.

Báguirá não percebia porque Hathi tinha obedecido, e Máugli contou-lhe uma história antiga. Há muito tempo um velho e sábio elefante tinha caído numa armadilha e tinha ficado ferido, quando os homens o tinham ido buscar, o elefante rompeu as cordas e fugiu, tendo ficado à espera que a ferida sarasse. Uma noite regressou, com os 3 filhos, aos campos dos caçadores, nos campos de Bhurtdore. Com a ajuda de Hathi, Máugli contou a Báguirá que o elefante e os seus filhos destruíram os campos e toda a terra cultivável, tendo a terra ficado a fazer parte da selva.

Máugli pediu a Hathi que chamasse toda a Selva e que corresse como na destruição dos campos de Bhurtdore. Hathi disse-lhe que não sentia sofrimento que lhe fizesse fazer tal coisa. Máugli disse-lhe que não haveria sangue nem matança. Só queria que eles fugissem para longe e que a selva cobrisse toda a aldeia para que se esquecesse do sofrimento que eles haviam infligido na mulher que o alimentou, Messua.

O Livro da Selva

Compreendendo o que Máugli sentia, Hathi e os 3 filhos separaram-se e dirigiram-se cada um deles para um ponto cardeal. Ao fim de uma semana ouvia-se em toda a selva um rumor que no vale de Seiouni havia a melhor comida e água de toda a região. De imediato os javalis, os búfalos e os veados começaram a dirigir-se para o vale. Os animais carnívoros empurravam-nos aos poucos para a aldeia dos homens. Assim, as animais começaram a procurar alimento nos campos cultivados, comendo a erva boa e pisando as culturas.

Quando os homens acordaram viram os campos destruídos e os búfalos não tinham o que pastar. Os búfalos juntaram-se aos outros animais da selva e os homens decidiram comer do trigo que tinham armazenado para a época das chuvas. Uma noite, Hathi destruiu a cabana onde guardavam o trigo com as suas presas afiadas. Depois disto os homens começaram a partir. Começaram por partir os homens solteiros. Os que ficaram foram apanhados desprevenidos pela época das chuvas e foram obrigados todos a deixar a aldeia. No momento em que o último habitante da aldeia fugiu, Hathi e os seus filhos arrasaram com o que restava dela.

Um mês depois, quando passou a época das chuvas, o lugar onde antes era a aldeia dos homens estava coberto de erva fresca recém-nascida.

O Livro da Selva

Os cangalheiros

Num grande rio indiano estava uma flotilha de barcos carregados com paus e pedras de construção, quando se ouviu uma voz grossa e espessa que causava arrepios dizendo: “Respeitai os velhos, ó companheiros do rio, respeitai os velhos!”.

No rio e ao longo das suas margens envoaçavam vários tipos de aves, entre eles um grande Marabu que pousou no banco de areia, pousou com o seu enorme porte e apercebeu-se da chegada de um chacal que vinha fugindo da aldeia onde os cães o haviam mordido. O chacal disse ao Marabu que ele só tinha ido ver um sapato que estava abandonado mas que os cães, sem mais, o tinham atacado. O Marabu disse-lhe então que tinha ouvido dizer que nesse sapato estava um pequeno cachorrinho recém nascido.

Estando o chacal a falar com o Marabu sentiu a água mexer-se, mas o Marabu estava distraído, foi então que surgiu na margem um enorme e velho cocodilo, era o Magar. O chacal, bicho mesquinho e adulator começou em lisonjas para o crocodilo com vista a que este o poupasse e, eventualmente, lhe desse alguns dos restos da sua caça.

O crocodilo foi-se queixando da falta de comida que havia por ali desde que os homens tinham construído a ponte do caminho de ferro e como as gentes da aldeia tinham deixado de o estimar. O chacal sabia que a melhor forma de escapar á fome insaciável de um crocodilo era adulá-lo sem cessar.

O crocodilo, Magar, tinha dado o nome à aldeia e todos os homens o honravam com medo e grinaldas de flores. Desde a construção da ponte que os homens o haviam praticamente esquecido, mas o crocodilo sabia que haviam de vir as cheias e a aldeia havia de ficar alagada e necessitaria de ser reconstruída, como já o fora 5 vezes, e que nessa altura os homens haviam de novo de voltar a honrá-lo.

O Marabu, apesar do seu grande porte era bicho covarde, mas o chacal é o mais covarde dos animais. Apesar da cobardia gostava de mostrar a quem era mais poderoso que ele que também os mais fortes tinham fraquezas e lembrou o velho crocodilo de uma vez que tinha cometido uma imprudência. O crocodilo anuiu, de facto quando era jovem tinha-se aventurado na aldeia durante uma cheia e tinha caçado sem pensar o que fez com que se tivesse ferido numas pulseiras de vidro e num sapato. Quando regressava para o rio, os homens tinham saído à rua tentando cortar-lhe o rabo com machados, no entanto, alguns aldeões tinham a certeza que ele levava a cheia com ele, que ele era como uma divindade e tinham-lhe oferecido uma cabra e grinaldas de flores.

Um dia o homem que o tinha ameaçado com o machado encalhou o seu pequeno barco e foi obrigado a deitar-se à água para o desencalhar, o crocodilo esperou e seguiu atentamente pois sabia que mais à frente haveria de encalhar de novo e que muitos viriam em seu auxílio. Magar caçava sempre que podia e sabia que onde estivessem os homens sempre haveria um descuido que muito lhe aprazia a ele.

O Marabu não tinha a mesma opinião, ele a sua gente tinham vindo do sul porque antigamente havia muito por onde escolher, no meio do lixo, mas agora mantinham as ruas tão limpas que não havia como alimentar-se.

Estavam os três de acordo quando se falava de rostos brancos, eles tinham trazido coisas para a Índia que não pertenciam ali e havia muito mistério em relação a algumas delas. O Marabu bem o sabia porque um dia lhe tinham atirado um bloco de uma coisa dura que pensou ser comida e quando a engoliu gelou de dentro para fora. Não sabia o que era mas tinha observado que ao fim de algum tempo aqueles blocos se transformavam em água. O crocodilo, por su vez, o único homem branco que tinha visto tinha sido na altura em que construíram a ponte e esse homem metia-se num barco à rocura dele e atirava para a água como que para o caçar.

O Livro da Selva

O crocodilo contou aos companheiros que uma vez se tinha aventurado por terra até encontrar outros rios e que quando lá chegara a comida era abundante, no entanto foi ferido por uma mulher e regressou à sua terra onde tem estado desde então. A mulher tinha disparado 5 vezes contra ele tendo acertado somente uma porque na margem do rio estava uma criança com mãos muito pequenas e o crocodilo tentou fechar a mandíbula para caçar a criança, mas esta tinha as mãos tão pequenas que as conseguiu tirar por entre os dentes do animal, ilesas.

Depois daquela longa conversa o crocodilo retirou-se para descansar e foi então que o chacal e o marabu ouviram homens brancos a descer na sua direção. Como o marabu era necrófago sabia que não o caçariam e o chacal sabia que não valia a bala de uma espingarda, concluíram então que aqueles homens vinham à procura do crocodilo.

Dois homens ingleses desciam a conversar, queriam matar o crocodilo pois ele tinha morto dezenas de trabalhadores quando da construção da ponte. Ouviram-se os tiros e o barulho era tão ensurdecedor que o chacal pensou que finalmente a locomotiva tinha caído da ponte.

Os homens dispararam e apanharam o crocodilo desprevenido, quando o chacal e o marabu olharam o Magar do rio jazia morto. Um dos homens, ao puxar-lhe a cabeça contou que quando era criança tinha tido a sua mãe dentro da boca de um crocodilo e que sua mãe o tinha defendido atirando contra o grande animal.

O acicate do Rei

Estava Máugli a jogar com Cá, quando esta lhe disse que no dia que tinham estado nas Moradas Frias se tinha metido nuns subterrâneos e tinha encontrado uma cobra, Capelo Branca, que lhe dissera que guardava coisas pelas quais qualquer Homem daria a vida – o Tesouro do Rei Kurrum Rajá. Máugli não sabia o que poderia ser essa “coisa” sem vida que os Homens tanto ambicionavam (não conhecia o valor que os homens davam ao ouro e às pedras preciosas). Suscitado pela curiosidade foi lá com Cá e encontraram, a guardar o enorme tesouro, a referida cobra, Thuu, já com muitos anos. Máugli começou a olhar à sua volta e nada lhe suscitou interesse, a não ser as facas, mas como não se equilibravam tão bem como a dele, largou-as. Depois encontrou um *ankus* de ouro com pedras preciosas, ponta de aço e com gravuras de cenas de caças ao elefante, que lhe lembravam o seu amigo Hathi e pediu à Thuu para levar o *ankus* de ouro para a Selva, garantindo que o traria de volta em troca de rãs para ela comer. A cobra respondeu-lhe que nenhum Homem que tivesse entrado ali sairia com vida e que ele também morreria, pois contra ela não tinha palavra mestra. Após uma breve luta, Máugli e Cá dominaram Thuu, Máugli cravando a cobra ao chão depois de lhe acertar em cheio com o *ankus* no corpo e Cá com o seu peso em cima dela. Neste momento Cá incentivou Máugli a matar a cobra e este recusou-se a fazê-lo, afirmando que não voltaria a matar se não fosse para comer. Máugli reparou que o veneno nas gengivas de Thuu já tinha secado e disse a Cá para saírem dali, levando o *ankus* consigo. A cobra gritou que não o levassem, pois este estava cheio de morte. Máugli não lhe deu ouvidos e mais tarde interrogou-se “como poderia aquele *ankus* matá-lo?”.

Máugli, ansioso, foi ter com Báguirá para lhe mostrar o que havia encontrado. Ao mostrar-lhe o *ankus*, Báguirá explicou-lhe que este era usado pelos homens para matar elefantes como Hathi, e Máugli lembrou-se que os homens não matavam porque andavam a caçar, mas sim por preguiça e prazer, que se soubesse não teria pegado nele. Então, atirou o *ankus* para bem longe dele. Durante a noite um homem encontrou o *ankus* e levou-o. Pela manhã, Máugli e Báguirá decidiram seguir-lhe os passos para ver se o *ankus* lhe causaria a morte. Seguiram o seu rasto. Cedo encontraram o rasto de alguém que o seguia e logo encontraram o cadáver de um aldeão daquela zona. Seguiram o rasto do caçador Gonde (Pé Pequeno). Encontraram-no morto por um bambu. Depois, seguiram mais quatro rastos, três diferentes (os cinco tinham estado junto a uma fogueira antes da morte do Gonde). Mais adiante encontraram outro, morto também por um bambu (este era o que levava a comida, tinham-lha tirado). Quatro léguas mais à frente estavam os cadáveres dos outros três junto à fogueira, onde se encontrava o *ankus*, reluzindo ao sol, e bolo de pão já queimado, que haviam comido. Este continha a “Maçã da Morte” (o veneno mais rápido de toda a Índia). O que levava a comida misturou-a com o bolo. Máugli perguntou então a Báguirá: “Teremos eu e tu de nos matar um ao outro por causa daquele assassino de olho rubro?”. Báguirá contestou que conhecia os homens, por ter estado presa entre eles e disse-lhe: “a nós não nos pode causar danos porque não desejamos o que os homens desejam”.

Assim, Máugli pegou no *ankus* e levou-o novamente às Moradas Frias e devolveu-o à Capelo Branca, Thuu, dizendo-lhe que procurasse outra cobra mais jovem que ela, para guardar o tesouro do Rei, pois ela estava velha para uma função tão importante como aquela. Máugli revelou-lhe que o *ankus*, numa única noite, tinha ocasionado seis mortes, sendo que a morte dos três últimos caçadores deveu-se ao facto de que cada um estava com uma ambição oculta: não eram sinceros entre si e todos queriam o valioso *ankus*.

O Livro da Selva

Quiquern

Longe, nas terras geladas do Norte, paredes meias com o Pólo Norte vivia uma pequena população de inuites, ou como lhes chamamos, esquimós. Inuite é um nome muito melhor que esquimó porque quer dizer “nas traseiras de tudo quanto há no mundo.

Durante 9 meses é inverno e neva todos os dias, em 6 desses 9 meses é sempre de noite e nos 3 meses de verão só gela dia sim dia não, no entanto no verão a neve começa a derreter e a escorrer pela encosta todas as noites.

Era aqui que vivia Kotuko, um rapaz de 14 anos com a sua mãe Amoraq e o seu pai Kadlu. Viviam numa casa feita de gelo toda forrada a peles e numa das dependências da casa vivia a sua matilha de cães.

Certo dia nasceu um cachorro e Kotuko pediu aos pais que lhe dessem o seu nome pois um dia ele seria um grande cão, chefe da matilha e acompanharia Kotuko em muitos dias.

Kotuko estava encarregue de alimentar a matilha e os cães eram chamados um a um, pelo nome, para comerem o seu pedaço de carne. Primeiro comia o mais fraco e só no final comia o grande cão chefe da matilha, Sarpok.

Kadlu era caçador de focas, durante o inverno apanhavam-nas quando estas vinham à tona, em buracos feitos no gelo, para respirar. Na primavera todos fugiam da zona do gelo mais quebradiço e seguiam a montar tendas na zona rochosa onde caçavam aves marinhas. Mais tarde seguiam para sul à caça de renas e onde tratavam de apanhar a reserva de salmão essencial para subsistirem no inverno. Em Setembro, Outubro voltavam para Norte. Todas as deslocações se faziam em trenós, puxados por cães ou em pequenos barcos que deslizavam nas águas geladas.

Kadlu era um grande caçador e o chefe da sua tribo ou como diziam por lá, o homem que tudo sabe por experiência.

Kotuko estava cansado de ser jovem, de só armar armadilhas a pássaros pequenos e de ajudar as mulheres a tratar as peles de veado e de foca. Queria ser um adulto, queria ser um caçador. Mas os adultos riam-se dele.

Durante muito tempo Kotuko dedicou-se a ensinar tudo ao cachorro e este foi crescendo, até que não lhe permitiram mais dormir com o rapaz e ele teve que ocupar um lugar frio ao pé da matilha. Foram tempos difíceis. À medida que o cachorro ia aprendendo também o rapaz ia aprendendo a dominar a matilha, a atrelar o trenó e a fazer com que a matilha obedecesse às suas ordens. Muitos erros fez até que lhe confiassem, finalmente, as rédeas. Depois que o fizeram, Kotuko sentia-se muito importante, e deslizava pela neve até aos buracos das focas, aí ficava de vigia e, com a ajuda do chefe da matilha, caçava e carregava as suas presas.

A um Inuite só é pedido que cace e que trate do sustento da família, pois se as provisões ou as peles que os cobrem e protegem do frio faltarem, não há local onde as possam arranjar. A vida dos inuites é de uma simplicidade soberba, é passada a caçar e a arranjar sustento, a tratar das peles e a comer.

Houve um terrível inverno em que tudo mudou, o outono tinha sido prematuro e feroz e fez partir o fino gelo que cobria os buracos das focas. Os pedaços de gelo afiados foram-se juntando tendo criado uma barreira de cerca de 20 milhas onde era impossível fazer deslizar um trenó.

Um dia encontraram uma tenda com 4 mulheres geladas e com fome, Kadlu tratou de arranjar local para todas elas e a sua mulher Amoraq levou uma rapariga de cerca de 14 anos para casa como sua criada. A rapariga não conhecia muitos dos utensílios que eles usavam, mas Kotuko e o seu cão gostavam muito dela.

O Livro da Selva

A maioria dos animais pequenos fugiram para sul e Kotuko continuava a caçar focas, cada vez mais escassas, que não alimentavam toda a população. A luz nas candeias era fraca porque não havia abundância de óleo de baleia para as alimentar, a carne de foca, anteriormente usada para alimentar a matilha era agora alimento de gente e não havia comida suficiente para os cães.

Uma noite o cão de Kotuko comportou-se de uma forma estranha, Kadlu disse ao filho que era a doença, então foi buscar um arpão, mas o cão esgueirou-se, foi para a parte de fora da cabana e começou a ladrar e a uivar até desaparecer na neve. O cão de Kotuko não estava doente de doença física, estava louco, a fome e o frio tinham-no enlouquecido. A doença do cão de Kotuko depressa se espalhou pelos outros cães da matilha e aos poucos uns iam morrendo, os outros fugindo para parte incerta.

Kotuko começou a ouvir e ver coisas que não estavam lá. Uma noite cansado da espera da caça, esfomeado e com frio, começou a dirigir-se para casa, mas a meio do caminho, estonteado de cansaço encostou-se a um rochedo que logo rebolou na sua direção. Os Inuite acreditam que todas as pedras têm o seu dono, coisa que se deve ao facto de na fase do degelo, muitas pedras rolarem soltas. Kotuko pensou ouvir a pedra a falar com ele e quando contou aos outros todos acharam possível, pois era crença de todos que os rochedos eram habitados e dominados por estranhas criaturas.

Kotuko acreditava que o espírito das pedras o iam guiar para locais onde a caça era abundante e o feiticeiro da aldeia, ao ouvir a sua história, aconselhou que Kotuko seguisse as pedras, que elas o haviam de guiar. Quando Kotuko se preparava para partir a rapariga seguiu-o e disse-lhe que ficaria sempre com ele. Os dois seguiram viagem para Norte, seguindo a estrela que nós conhecemos como Ursa Maior.

Depois de muitos dias de jornada, gelados e com fome, os dois avistaram uma criatura, era Quiquern, o fantasma de um cão. Segundo a crença dos inuite, Quiquern aparece sempre que grandes acontecimentos estão para se dar, sejam esses acontecimentos bons ou maus. O fantasma pulava nas suas 8 patas e Kotuko e a rapariga esconderam-se dentro do seu abrigo, então começou a tempestade e os dois ficaram quietos durante 72 horas. Mantiveram-se sempre atentos para perceber quando a tempestade terminaria, mas as suas provisões não davam para mais de 2 dias. Então puseram-se à escuta e fizeram um pequeno furo na parede da cabana. Perceberam pela agitação do vento que ia dar-se uma grande quebra, ou seja, o gelo debaixo deles estava a partir-se e as placas a soltarem-se.

Os dois jovens tinham a certeza que iriam para Sedna, Sedna que quer dizer Senhora do Mundo Inferior, era o local onde todos os que morrem têm que passar um ano até entrarem no Lugar da Felicidade.

Voltaram a ver Quiquern e resolveram segui-lo pois era a única esperança de poderem fugir ao que aí vinha, ao longe os bancos de gelo estavam a partir e a soltar-se e podiam ouvir o estrondo que faziam quando embatiam uns nos outros, os jovens sabiam que estavam a ser empurrados e por isso só lhes restava fugir. Quando Quiquern parou e os jovens olharam com atenção viram que ele não estava já em chão de gelo mas numa ilha com praias arenosas e cume granítico. A ilha não se mexia e Kotuko e a rapariga foram até lá, construíram a sua casa de gelo com uma sensação de segurança que há muito não sentiam.

Sentiram algo na entrada da casa de gelo e quando olharam viram dois grandes cães, era o cão de Kotuko e o grande chefe da matilha, estavam ligados um ao outro, emaranhados nas suas trelas e arreios mas estavam gordos e não apresentavam qualquer sinal de loucura. A rapariga percebeu logo que o vulto que achavam que era Quiquern com duas cabeças e oitos patas, na verdade era o vulto dos dois animais e que eles os tinham salvo, tinham encontrado terra firme e comida. Kotuko separou-lhes as trelas e os dois cães enroscaram-se nele.

Cansados adormeceram e quando acordaram viram que havia água límpida e encontraram os cães a brincar perto de uma foca. Então encontraram dezenas de focas e foram-nas caçando e limpando, encheram o trenó

O Livro da Selva

com o que puderam e puseram os dois cães a puxar, queriam regressar o mais depressa que podiam, tinham medo que podia ter acontecido à sua gente e sabiam que aquela carne de foca iria matar a fome a toda a população.

Ao fim de dois dias estavam de volta à aldeia e encontraram todos vivos, no entanto, muito fracos e com fome. Deram-çhes de comer e Kotuko contou a sua história, disse que a tempestade tinha afastado os peixes e que as focas tinham ido atrás deles, que estavam 25 focas arpoadas na praia e que não era mais que 2 dias de viagem. Assim, ele ordeou que no dia seguinte os melhores caçadores se dirigissem ao local que ele indicara e que trouxessem a caça.

Kotuko e a rapariga iriam construir uma casa para os dois e os dois cães ficariam consigo.

Mabecos

O Pai-Lobo e a Mãe Loba já tinham morrido, o Balú tinha envelhecido muito e a Báguirá estava cada vez mais lenta quando caçava o que já mostrava algum cansaço próprio da idade. Aquelá estava agora branco como o leite e muito magro. A Alcateia de Seiouni tinha-se dissolvido mas quando os lobos novos cresceram e já eram cerca de 40 com 5 anos, Aquelá em plena voz dirigiu-se a eles e aconselhou-os que se deveriam juntar para seguir a Lei e acatar as ordens de um chefe como competia ao Povo Livre. Fao, Filho de Faona e do Pisteiro Cinzento começou a dirigir a Alcateia. A Alcateia começou a crescer e a organizar-se e Máugli não perdia nenhum Conselho na Rocha do Conselho, principalmente quando se apresentavam crias novas o que o fazia recordar com saudade o dia em que ele tinha sido apresentado e aceite pela Alcateia.

Nestes encontros Máugli somente observava, na realidade ele andava pela selva com os seus companheiros a caçar e a ver e aprender coisas novas. Voltavam eles de uma caçada quando ouviram o *fial*, um grito de chacal que só se ouve quando este caça atrás de um tigre ou quando se dá uma grande matança. Correram para a Rocha do Conselho onde já se encontravam Aquelá e Fao bem como todos os lobos machos adultos. Ouviram um uivo e viram um lobo desconhecido aproximar-se cansado e com a pata ferida. O lobo apresentou-se, era Uan-tola um lobo do sul que caçava sozinho e vivia somente com a sua família, sem pertencer a qualquer Alcateia. Uan-tola contou que se aproximavam os Mabecos, os cães vermelhos, vinham desde o sul porque diziam que o sul estava deserto. Uan-tola contou-lhes que os cães vermelhos eram muitos e que eram todos adultos e que lhe tinham tirado a sua família por isso ele estava disposto a lutar contra eles ao lado do Povo Livre.

Os Mabecos formam uma matilha quando são mais de 100 e vivem, normalmente, no Decão que fica a sul de Seiouni. Quando se deslocam fazem-no sem se desviar de nada e destroem tudo o que encontram pelo caminho. Aquelá disse a Máugli que a luta que se iria travar entre o Povo Livre e os Mabecos era uma luta de morte por isso ele deveria ir para Norte e esperar pelo fim dessa luta, Máugli afirmou que jamais o faria, o lugar dele era ao lado do Povo Livre e toda a Alcateia aceitou lutar.

Máugli foi então sozinho contar a matilha de Mabecos. Seguiu a correr e sem ter cuidado de onde punha os pés e caiu quando tropeçou no longo corpo de Cá que estava deitada a observar um trilho de veados. Ficaram os dois à conversa sobre a matilha que se aproximava. Máugli convenceu a Cá a ajudar o Povo Livre e ele próprio a lutar contra os Mabecos, Cá envolveu-se em pensamentos e recordações, depois levantou-se e decidida foi descendo ao lado de Máugli e disse-lhe que ela sabia o que fazer. Cá e Máugli desceram o rio e Cá parou num rochedo submerso, Máugli reconheceu o lugar, era o Lugar da Morte. Máugli disse a Cá para saírem dali mas ela explicou-lhe que o que se dizia era que Hathi não se desviava por causa do listado (o tigre), mas que ambos se desviavam dos Mabecos e que também se dizia que eles não se desviavam de nada. No entanto não havia relatos de que a Gentina das Rochas (abelhas silvestres) se desviasse de algum animal.

Máugli estava com medo que a Gentina das Rochas acordasse, mas Cá sossegou-o porque a Gentina só acordava ao romper da madrugada. Cá contou-lhe a história de um veado que vinha a fugir de uma Alcateia e que, sem perceber, havia caído no rio seguido dos lobos que o caçavam. O veado salvou-se porque a Gentina não estava organizada, mas os lobos não, uns caíram à água, os outros nos rochedos e os outros caíram debaixo da Gentina das Rochas. O veado foi levado pela corrente, mas Cá que por ali andava, lançou-se à água e salvou o animal. A ideia de Cá era repetir a história: Máugli atrairia os Mabecos e saltava sobre o rio, os Mabecos iriam cair na água e nos rochedos e seriam surpreendidos pela Gentina das Rochas, os Mabecos que conseguissem salvar-se seriam levados pela corrente do Uianganga até à zona dos covis do Povo Livre e aí estaria a Alcateia à espera deles.

O Livro da Selva

Máugli e Cá preparam cuidadosamente o seu plano, Cá foi avisar o Povo Livre do plano e avisá-los de que se mantivessem atentos.

Máugli foi em busca da matilha de cães e quando os avistou subiu a uma árvore chamando a atenção da matilha. Máugli começou então a falar com a matilha, dizendo o que sabia e pensava deles, das suas companheiras e cachorros e da sua forma de viver. Não há arma mais poderosa do que a língua afiada das gentes da selva e Máugli sabia-o bem. Os Mabecos foram começando a ficar irritados e nervosos. Num dos saltos do guia da matilha, Máugli apanhou-o com destreza e cortou-lhe o rabo para garantir que a matilha não seguiria outra pista que não a dele. Então Máugli adormeceu e quando acordou era quase noite e a noite ser-lhe-ia amiga, porque os Mabecos não têm muita destreza na escuridão e a Gentina das Rochas estaria quase a acordar.

Máugli começou a saltar de ramo em ramo, como faziam os Bandarlôgues e a matilha de cabeça no ar, sem o perder de vista, corria atrás dele. Na última árvore, passou alho no seu corpo porque sabia que a Gentina das Rochas não gosta do cheiro do alho e saltou para o chão, correndo como nunca tinha corrido à frente da matilha de Mabecos. A Gentina acordou em sobressalto e organizou-se de repente. Máugli saltou para o Uianganga sem qualquer mordedura e lá em baixo, no rio, esperava-o Cá que com o seu corpo comprido e grosso o segurou para que não fosse levado pela corrente. Os Mabecos, como Cá tinha previsto, foram surpreendidos tendo caído uns nos rochedos e outros no rio. Cá segurou Máugli e levou-o rio abaixo, sempre debaixo de água para que a Gentina das Rochas não os visse.

Os mabecos foram levados pelo rio até à zona dos covis dos lobos onde o Povo Livre os esperava e começou a luta. Os Mabecos começaram a perder a batalha e começaram a fugir, indo atrás deles, Máugli viu Aquelé que estava no chão ferido. Aquelé disse a Máugli que a dívida que ele tinha para com a Selva estava paga, porque senão fosse ele, se ele não fosse homem toda a Alcateia tinha fugido e que estava na hora de ele ir para junto dos da sua espécie. Aquelé avisou Máugli que deveria deixar a selva porque depois do verão viriam as chuvas e depois das chuvas a Primavera e ele deveria ir antes que o expulsassem.

Máugli quis saber quem o expulsaria, mas Aquelé começou a entoar o seu canto da morte e não lhe respondeu.

Regressaram os lobos e começaram a lamber as feridas que ficaram da batalha... Tinha sido uma batalha dura, mas os cães vermelhos sabiam agora que havia um povo que lhes resistia.

Correrias da Primavera

Dois anos depois da grande batalha com os cães vermelhos e da morte de Aquelá, Máugli deveria ter mais ou menos 17 anos.

Quando começou a chegar a Primavera, Máugli e Báguirá estavam deitados no chão a apanhar os primeiros raios de sol. Báguirá deitou-se de costas na erva e com as patas tentava bater numa folha que remexia ao vento. Máugli achou estranho e perguntou-lhe se ela deveria comportar-se assim. Começaram a ouvir Ferao, um picanço escarlate, a cantar a canção da primavera e Báguirá seguiu-lhe o exemplo começando um ronronar e um gemido entre dentes.

Máugli percebeu então que tinha chegado o tempo em que toda a selva iniciava cantos estranhos e que acabavam por o deixar sozinho, o tempo das Falas Novas. Chama-se Falas Novas à estação da Primavera porque os animais da selva cantam, gemem, rosnam, gritam e guincham de um forma que não fazem nas restantes estações do ano. Máugli normalmente gosta do virar das estações e procura o florescer da selva quando chega a Primavera, mas fá-lo sempre sozinho porque os animais nessa altura juntam-se com os da sua espécie em cantos alegres.

Mas nessa Primavera quando Mor, o pavão, anunciou a chegada da estação dos novos cheiros, Máugli sentiu uma coisa estranha dentro de si. Decidiu então que era tempo de fazer uma correria até aos Pântanos do Norte, chamou os quatro irmãos mas nenhum lhe respondeu. Estava furioso porque ninguém lhe ligava, mas sentia um mau estar tão grande que não tinha forças. Começou a pensar que tinha comido veneno porque se sentia muito mal e era um sentimento que vinha do seu interior.

Nessa noite comeu pouco para se preparar para a sua correria de primavera e largou a correr rumo aos Pântanos do Norte. Enquanto corria e sentia a erva e as flores novas, enquanto cheirava e observava os novos cheiros e as novas cores esqueceu-se daquele mau estar e, chegado aos Pântanos sentou-se a observar a paisagem e a ouvir as aves. Quando se preparava para cantar voltou a sentir aquele mau estar que julgava ter deixado na selva. Estava nos seus pensamentos e angústias quando ouviu a voz de uma fêmea de búfalo bravo dizer: homem! Mas depois ouviu Miza, o búfalo bravo, dizer: aquele não é homem, aquele é o lobo pelado da Alcateia de Seiouni. Máugli não gostou que Miza não lhe ligasse e resolveu zombar com ele, mas Miza ficou irritado e disse-lhe amargamente que ele não era lobo, que ele deveria ir até à Alcateia Humana que vivia depois dos Pântanos. Ao ouvir aquilo, Máugli ficou curioso e perguntou-lhe onde poderia encontrar essa Alcateia Humana de que nunca tinha ouvido falar.

Máugli seguiu as indicações de Miza e ficou a olhar para uma estrela que oscilava, observando melhor reconheceu: era a Flor Vermelha. Há já muito tempo que Máugli não pensava nas coisas dos homens, mas naquela noite a Flor Vermelha atraiu-o.

Maugli foi caminhando até à porta de uma cabana que se abriu e de dentro dela veio uma mulher. Quando ouviu a voz dela sentiu o seu corpo tremer. Espantado com ele próprio chamou: Messua!? A mulher respondeu: quem me chama? E Máugli perguntou se já se havia esquecido dele e enquanto falava sentia a sua garganta seca. Messua perguntou-lhe pelo nome que ela mesmo lhe havia dado e ele disse: Nathoo.

Messua contou então a Máugli o que tinha acontecido depois dele a ter ajudado a fugir da Aldeia dos Homens e de ter ido para Khanhiwara. Os ingleses tinham ajudado Messua e o marido e quando voltaram à Aldeia dos Homens para reclamar o que era deles, não encontraram nem a Aldeia nem ninguém. Então o marido de Messua tinha aceitado um trabalho nos campos e tinham conseguido comprar algumas terras. Tinha nascido há duas chuvas uma criança que era filho deles e o marido tinha morrido na estação passada.

O Livro da Selva

Messua não sabia se aquele era o seu filho ou se se tinha transformado numa divindade da selva, mas fê-lo entrar para casa e deu-lhe leite quente porque o achava com febre. Máugli sentia um turbilhão de emoções que nunca tinha sentido antes e Messua disse-lhe que ele era muito belo, o mais belo dos homens. Máugli que nunca tinha ouvido tal coisa ficou surpreso e sem saber o que dizer ou sentir. Dormiu uma noite e um dia e quando estava a ceiar sentiu a presença do Irmão Cinzento e disse a Messua que tinha que voltar para a Selva. Messua abraçou-o e pediu-lhe que voltasse porque o amava.

Máugli saiu de casa de Messua e queixou-se ao Irmão Cinzento de ninguém lhe ter prestado atenção por causa da chegada da Primavera. O Irmão Cinzento mostrou-se preocupado com Máugli porque ele tinha estado a dormir e a comer numa Aldeia Humana. Nisto, Máugli avistou uma rapariga envolta num pano branco, quando o avistou a rapariga gritou mas depois suspirou. Voltou à conversa com o irmão e perguntou-lhe se ele seria capaz de o seguir sempre, mesmo para a Aldeia Humana, uma e outra e outra vez. O Irmão Cinzento lembrou-se então das palavras de Racxa que disse: “O homem vai para o homem afinal...”. Máugli disse ao irmão que Aquelá lhe havia dito a mesma coisa.

O Irmão Cinzento lembrou Máugli do que havia passado com os humanos mas terminou dizendo-lhe que a pista dele era a pista de Máugli. Máugli pediu-lhe então que convocassem todos para a Rocha do Conselho, ele queria falar ao Povo Livre. Mas os animais andavam ocupados com o tempo das falas novas e quando Máugli chegou à Rocha do Conselho encontrou somente Balú, Cá e o Irmão Cinzento.

Cá disse-lhe então: “a tua pista termina aqui homenzinho.”

Máugli chorou e explicou aos amigos que não sabia o que tinha acontecido com ele. Já não tinha forças nem alegria. Andava triste e com sensações que o deixavam zozzo.

Estavam Balú e Cá a dizer a Máugli que era chegada a hora, que ele deveria seguir a sua pista, não porque ninguém o expulsava mas porque ele havia escolhido outra pista e devia seguir o que escolhera, quando apareceu Bágirá com um touro, era o novo resgate de Máugli.

Despedindo-se dos amigos, Máugli, o cachorro de homem, o lobo... Máugli era agora o homem e tinha escolhido a sua nova pista e era por ela que iria seguir.